

# **OS DESAFIOS SOCIAIS E ACADÊMICOS ENFRENTADOS PELOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NEGROS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - CAMPUS SANT'ANA DO LIVRAMENTO**

## **THE SOCIAL AND ACADEMIC CHALLENGES FACED BY BLACK UNIVERSITY STUDENTS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PAMPA - CAMPUS SANT'ANA DO LIVRAMENTO**

Rafael Cardiano<sup>1</sup>

Danielle Cardoso Dornelles<sup>2</sup>

Sebastião Ailton da Rosa Cerqueira-Adão<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este estudo tem como objetivo caracterizar os desafios sociais e acadêmicos enfrentados por estudantes universitários negros na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus Sant'Ana do Livramento. Como metodologia utilizou-se o estudo de caso, do tipo descritivo, com viés qualitativo e uso de análise interpretativa dos dados. Como resultados foi possível identificar que os acadêmicos pretos e pardos na UNIPAMPA enfrentam estereótipos negativos, preconceitos e falta de representatividade diária, o que afeta substancialmente sua autoestima e desempenho acadêmico. A pesquisa revelou que a ausência de apoio institucional contribui para as dificuldades do dia a dia desses alunos, causando-lhes discriminação racial persistente e desigualdades socioeconômicas que impactam diretamente nestes acadêmicos enquanto estudantes e, posteriormente, enquanto profissionais. Foi possível perceber também, que a instituição estudada não é um ambiente antirracista. A falta de conscientização e a perpetuação de estereótipos raciais ampliam os desafios, dificultam a formação de redes de apoio e incentivam a impunidade mediante a dualidade entre racismo e injúria racial. Este artigo está vinculado ao Observatório de Gestão Universitária para a Inclusão e Desenvolvimento Social do Pampa – Observapampa.

**Palavras chave:** Cotas Raciais; Estereótipos; Universitários Negros; Epistemicídio; NEABI.

### **ABSTRACT**

This study aims to characterize the social and academic challenges faced by black university students at the Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus Sant'Ana do Livramento. The methodology used was a descriptive case study with a qualitative bias and the use of interpretative data analysis. The results showed that black and brown students at UNIPAMPA face negative stereotypes, prejudices and a lack of representation on a daily basis, which substantially affects their self-esteem and academic performance. The research revealed that the lack of institutional support contributes to the daily difficulties of these students, causing them persistent racial discrimination and socioeconomic inequalities that directly

---

<sup>1</sup> Bacharel do curso de Administração na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Direitos Fundamentais, Fronteiras e Justiça (UNIPAMPA).

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela UNICAMP. Atualmente é professor associado da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

impact these students as students and, later, as professionals. It was also possible to perceive that the institution studied is not an anti-racist environment. The lack of awareness and of awareness and the perpetuation of racial stereotypes increase the challenges, hinder the formation of support networks and encourage impunity through the duality between racism and racial injury. This article is linked to the Observatório de Gestão Universitária para a Inclusão e Desenvolvimento Social do Pampa – Observapampa.

**Keywords:** Racial Quotas; Stereotypes; Black College Students; Epistemicide; NEABI.

## **1 INTRODUÇÃO**

Ao longo das últimas duas décadas, o ingresso da população negra nas universidades vem aumentando, sendo que atualmente existem nas universidades brasileiras 4,1 milhões de estudantes universitários negros, na rede pública e privada, que representam 48,3% dos universitários no Brasil, conforme Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2023).

Neste sentido, de acordo com a Coordenadoria de Ingresso, Documentação e Registros Acadêmicos - CIDRA (2024), a Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA possui, entre todos os seus 10 campi e os 70 cursos de graduação presencial e os 7 cursos de graduação na modalidade à distância, o total de 9669 discentes, sendo que 6843 (70,77%) dos discentes se autodeclararam brancos, 1530 (15,82%) pardos, 763 (7,88%) pretos, 196 (2,03%) indígenas, 29 (0,29%) amarelos e 309 (3,20%) não informaram como se autodeclararam.

Contudo, ainda segundo a CIDRA (2024), no Campus Sant’Ana do Livramento, local onde esta pesquisa se desenvolveu, existem atualmente 1314 universitários, representando 13,59% do total de discentes da UNIPAMPA como um todo, dos quais, 956 (72,75%) se autodeclararam brancos, 153 (11,64%) pardos, 122 (9,30%) pretos, 24 (1,83%) de indígenas, 4 (0,30%) amarelos e 55 (4,20%) não declarados. Sendo que o total de alunos negros no Campus em relação aos alunos brancos é de apenas 20,94%.

Os dados acima necessitam ser contrastados com a população brasileira que é composta, em sua maioria, por pessoas negras, ou seja, a soma de pretos e pardos. Entretanto, quando se analisa uma única universidade federal na Região Sul do Brasil não se verifica essa maioria.

Segundo o IBGE (2022) os pardos são 45,3% da população, os pretos são 10,2% e superaram a quantidade de brancos pela primeira vez desde 1872, sendo então a população brasileira formada de 55,5% de negros, 43,5% de brancos, 0,6% de indígenas e 0,4% de amarelos. Diante deste cenário, é notável a desigualdade étnica de estudantes na UNIPAMPA, o que demonstra que há diversos desafios a serem enfrentados, tornando a pesquisa relevante e

necessária para uma maior compreensão destes estudantes negros e suas dificuldades diárias, não somente no âmbito acadêmico, mas também no social.

Vale ressaltar que, “os dados mostram que a proporção de jovens que se definem ‘pardos’ e ‘negros’ nas universidades federais brasileiras, principalmente naquelas que são públicas e gratuitas, está muito abaixo da proporção desses grupos de cor na população” (Guimarães 2023, p. 256). Para contextualizar essa fala de do autor acima, precisa-se analisar, como se deu a inserção de negros nas universidades públicas, quais políticas públicas foram e ainda deverão ser aprovadas e desenvolvidas para ampliar-se esse debate sobre a proporção de estudantes universitários em igualdade étnica e numérica.

Em relação à UNIPAMPA tem-se em 2024 um percentual de negros ainda inferiores ao desejável, apesar das diferentes políticas de ações afirmativas que têm permitido o ingresso de pessoas autodeclaradas negras. O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UNIPAMPA deve reservar recursos para as ações afirmativas ligadas aos discentes com deficiência, pretos, pardos, indígenas ou em situação de vulnerabilidade social, enquanto o Plano de Desenvolvimento Acadêmico - PDA, em complemento a isso, obriga-se a estimular “o desenvolvimento de ações relacionadas a questões étnico-raciais, de inclusão, acessibilidade e diversidade de gênero” (UNIPAMPA, 2019, p. 74).

A igualdade e equidade racial são princípios fundamentais que todas as sociedades devem se esforçar para alcançar, conforme exposto no artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), define que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.

Embora seja notável uma diferença da presença expressiva de estudantes negros nas instituições públicas de ensino superior no Brasil ao longo das duas últimas décadas, como destacado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2022) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2023), sendo que políticas públicas foram estabelecidas desde 2012 para aumentar o número de pessoas negras em cursos de ensino superior, por exemplo, a Lei nº 12.711 de 2012, conhecida como Lei de Cotas, que ao completar 10 anos foi reexaminada e reeditada para mais 10 anos, em um esforço de ter-se aumentado o número de negros nas universidades. Com isso, em 2024 foi promulgada a Lei nº 14.723, de 2023, que determina que os candidatos concorram às vagas reservadas pelo programa de cotas, que são 50% do total.

Através das pesquisas desenvolvidas pelo IBGE (2022) e pela PNAD (2023), pode-se ter uma reflexão sobre algumas das barreiras históricas, estruturais e persistentes que negros (as) enfrentam, mesmo havendo Leis e incentivos relacionados às políticas de inclusão e ações afirmativas destinadas a suprir as barreiras e lacunas deixadas pela desigualdade racial, social e acadêmica. Além da promessa de promover um ambiente mais diverso e que se torne antirracista. Ainda, de acordo com os dados apresentados pela PNAD (2023), a análise dos dados tem revelado desafios que vão além das estatísticas superficiais. As instabilidades dos números apresentados, principalmente ao longo dos últimos quatro anos, revelam a importância de uma análise mais aprofundada para uma melhor compreensão dos fatores que mais influenciaram a permanência e o êxito acadêmico destes estudantes.

O debate em torno da autodeclaração como critério de identidade, conforme abordado por Guimarães (2023), enfatiza a necessidade de um olhar, ainda mais crítico, sobre as políticas de ações afirmativas. A cobrança de um olhar mais crítico a respeito das políticas públicas e seus respectivos órgãos fiscalizadores é necessária para que tais políticas possam ser mais eficazes no seu objetivo, que é a inclusão e equidade racial e social.

Neste contexto, entende-se ser necessário também ressaltar que atividades extraclasses, materiais de apoio, projetos de extensão, ensino e pesquisa, Planos Pedagógicos de Cursos (PPCs) e Planos de Ensino sejam responsáveis pelo incentivo à promoção da igualdade, equidade, o antirracismo, e o enfrentamento para tantos desafios que estes estudantes e até outros servidores, como professores, técnicos, terceirizados. Numa primeira análise dos documentos da universidade em estudo já se percebeu uma ausência imensa de autores negros nos mais diferentes planos de ensino dos professores, como por exemplo, planos de ensino dos Cursos de Administração, Ciências Econômicas, Curso Tecnólogo de Gestão Pública, Direito e Relações Internacionais do Campus Sant'Ana do Livramento, o que neste caso configura-se também em uma problemática a ser resolvida (UNIPAMPA, 2023).

Perpassando as questões quantitativas que apontam elementos negativos como criminalidade, violência, assim como a qualidade das experiências acadêmicas, as oportunidades de desenvolvimento profissional e pessoal, as relações interpessoais e o acesso a recursos, de acordo com Almeida (2019) configuram-se como aspectos cruciais que moldam a vivência desses estudantes negros, inclusive para além das instituições acadêmicas.

Nesse estudo, como problemática, buscou-se analisar as diferentes formas de enfrentar os desafios diários, históricos e constantes, vividos por universitários negros/as da Universidade Federal do Pampa, campus Sant'Anna do Livramento, além de analisar as adversidades que são

encontradas no âmbito acadêmico e social. Cabe aqui salientar a ausência de políticas públicas estruturais que sejam eficazes no combate ao racismo, e aos desafios que, embora tenham surgidos há muito tempo na sociedade e no ambiente universitário, ainda se mostram atuais e corriqueiros.

Dada a problemática acima, a questão central de pesquisa deste estudo é: Como se caracterizam os desafios sociais e acadêmicos enfrentados pelos estudantes universitários negros na Universidade Federal do Pampa - Campus Sant'Ana do Livramento?

Esse estudo conta com um objetivo geral e quatro objetivos específicos para a melhor compreensão do leitor sobre os desafios enfrentados por universitários negros na universidade Federal do Pampa.

Para ajudar a responder à questão acima foram elaborados os seguintes objetivos:

a) Objetivo Geral: Caracterizar os desafios sociais e acadêmicos enfrentados por estudantes universitários negros na Universidade Federal do Pampa - Campus Sant'Ana do Livramento.

b) Objetivos Específicos:

- Identificar os desafios sociais e acadêmicos enfrentados por estudantes negros da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant'Ana do Livramento;
- Compreender a existência de estereótipos racistas atribuídos aos estudantes negros da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant'Ana do Livramento
- Mensurar o impacto das cotas raciais na experiência dos estudantes negros da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant'Ana do Livramento;
- Avaliar o papel da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant'Ana do Livramento na promoção da igualdade racial e na criação de um ambiente acadêmico antirracista.

A justificativa deste estudo recai no fato de que, com o surgimento dos primeiros modelos de cotas raciais no início dos anos 2000, com posterior regulamentação federal mediante a Lei nº 12.711 de 2012, é inquestionável que houve um aumento na participação de estudantes negros nas instituições de ensino superior do país, mesmo que ainda hoje, quando analisado com a mínima atenção - tamanha a discrepância existente, seja possível afirmar que persistem os desafios contundentes que afetam sua permanência e sucesso acadêmico.

Neste sentido, a discriminação racial emerge como um obstáculo a ser enfrentado por estudantes negros em espaços universitários a partir do momento em que tal discriminação se manifesta de diversas formas, desde estereótipos negativos como de que ingressantes de cotas

raciais são favorecidos pela legislação e de que são menos inteligentes que os demais, até formas explícitas e implícitas de racismo, como presumir a classe social de um estudante negro, verbalizar que a Universidade não é local para pessoas negras e negligenciar os intelectuais negros ao implementar os Planos de Ensino e Planos Pedagógicos de Curso. Este fenômeno não apenas impacta diretamente no desempenho de acadêmicos, como também acaba incidindo na saúde mental de milhares de jovens que convivem com o racismo, contribuindo para a diminuição da autoestima e o aumento do estresse (Ancillotti e Silva, 2023).

Conforme Matos e França (2023, p. 2) “sabe-se que o racismo tem contribuído de forma eficaz para a manutenção das disparidades entre negros e brancos, principalmente no que se refere ao acesso e à permanência no processo de escolarização formal”. Como se não bastasse, o racismo cumpre muito bem a sua função de manter a população dividida, sendo desproporcional em diversas áreas da vida, principalmente naquelas ligadas diretamente à economia e à educação. Percebe-se que, a população negra, na maioria das vezes, é quem ocupa lugares ditos como periféricos, que possuem menos acessos a serviços básicos específicos e fundamentais, como saneamento básico e transporte público para acessar ambientes escolares, o que se reflete na vida acadêmica do indivíduo negro que chega à universidade.

O contexto socioeconômico dos estudantes, que muitas vezes provêm de famílias de baixa renda, resulta em dificuldades para custear suas despesas, sejam elas pessoais, profissionais e até mesmo acadêmicas, com mensalidades e outros encargos associados à educação superior. A limitada acessibilidade a bolsas de estudo e outros apoios financeiros que garantam a permanência agravam essa situação (Oliveira, 2019; Souza, 2021).

A compreensão destas questões se mostra imprescindível, visto que, é essencial para estes estudantes da UNIPAMPA e futuros profissionais, percorrerem a experiência acadêmica da maneira mais saudável e acolhedora possível, com a instituição tendo como papel principal educar e transformar positivamente em um ser mais pensante e questionador, enquanto o estudante também educa e transforma o meio universitário. Gerando um ambiente de troca dessas experiências fundamentais para a formação superior. Além da busca por suporte na universidade, a denúncia dos impactos do racismo e a adoção de ações individuais para a transformação da sociedade, entre outras estratégias abordadas.

Desta forma, buscando demonstrar, minimamente, que tais desafios existem e merecem atenção, para que a pessoa negra não somente possa ingressar no ensino superior, mas também possa sair dele ao concluir o curso - e não por evasão ou abandono, este estudo justifica-se, ainda, pelo fato de que seus resultados possam contribuir para o diálogo acadêmico sobre esses

desafios, incluindo a proposição de estratégias para promover a igualdade racial no ambiente acadêmico.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Com base em autores com conhecimento existente na área, este capítulo apresenta os seguintes temas: Desafios sociais enfrentados por estudantes negros nas universidades brasileiras; Desafios acadêmicos enfrentados por estudantes negros nas universidades brasileiras; Estereótipos racistas identificados no contexto brasileiro; Cotas raciais e ações afirmativas no Brasil.

### **2.1 Desafios sociais e acadêmicos enfrentados por estudantes negros nas universidades brasileiras**

A compreensão dos desafios sociais vivenciados pelos estudantes negros pode ser observada de diferentes maneiras, a discriminação racial persistente no ambiente acadêmico e social é o principal deles. Isto acontece por conta da terminologia da palavra raça estar vinculada a circunstâncias sociais e históricas, quase sempre envolvem conflitos de poder, como descrevem os autores Ancillotti e Silva (2022). Ainda sobre os autores, eles definem que, para o conceito de raça, têm que ser levado em consideração dois aspectos e características fundamentais que vão se inter-relacionar, que seriam as características biológicas e as étnico-culturais.

A primeira está relacionada à identidade racial ser atribuída a traços fenotípicos, como a cor da pele. Já a segunda é mais complexa e subjetiva, pois está atrelada a origem geográfica, aos costumes, às tradições e às crenças que influenciam na concepção identitária racial, condicionando determinados modos de existir.

Já sobre as lutas e conquistas históricas, segundo Louro (2008), tem início no século XIX através de organizações de lutas e manifestações das minorias sociais com a finalidade de firmar a representatividade sociocultural, através de reivindicações que durante séculos foram-lhes negadas. Tal afirmação também se corrobora analisando o histórico da população afro-brasileira que, apesar de toda a sua luta no século XIX, não vislumbrou políticas públicas para o desenvolvimento socioeconômico da população negra. Como exemplo, tem-se o direito à educação, ao voto e a possibilidade posteriormente de ver essas pessoas ocuparem cargos que

historicamente foram ocupados por homens brancos. Ainda, é importante dizer que o conceito de “minorias sociais”, no Brasil, refere-se aos grupos com baixa representatividade e não necessariamente com os números absolutos de quem compõe esses grupos, como é o caso da população negra feminina.

A criação de dois conceitos, pigmentocracia e colorismo (Walker, 1983), é um dos meios utilizados para compreensão de violências históricas e raciais contra a população negra. Esses conceitos dispõem-se do princípio de níveis e classificações de acordo com a tonalidade da pele e em seus fenótipos, indicando com base nisso, como determinado indivíduo será tratado em particular ou dentro de uma mesma comunidade étnica ou racial. Portanto, quanto mais traços fenotípicos e mais retinto for, haverá mais violência contra ele e exclusões estruturais.

Neste sentido, Zonta e Zanella (2020) mencionam que a própria Universidade impõe a estes estudantes o que as autoras citadas chamam de “desafios ideológicos”, que se apresentam pela forma de uso da linguagem, pelas questões identitárias, pelos embates políticos, pelas limitações nas grades curriculares e, finalmente, pela tentativa de negar aos estudantes o pertencimento ao ensino superior.

Ainda Zonta e Zanella (2020), analisam que existem diversos aspectos e desafios ao longo das trajetórias de estudantes negros, e que, “impõem aos estudantes desafios ideológicos que se concretizam por meio dos modos de uso da linguagem, de questões identitárias, de embates políticos, de limitações nas grades curriculares, de tentativas de negar-lhes o pertencimento ao ensino superior”. Esta tentativa de apagar o pertencimento de estudantes negros à universidade pode ser observada pela ausência de pessoas negras nos mais diversos setores acadêmicos: no corpo docente, discente e entre os Técnicos-Administrativos em Educação. Tal situação gera um cenário segregador, aglutinando poucos estudantes negros nesses espaços em grupos específicos e expondo-os à microagressões, preconceitos e discriminações raciais. Com isso, surge uma não identificação com o ambiente acadêmico, que impacta na construção identitária de estudantes negros e, conseqüentemente, no seu crescimento universitário.

Surge então a necessidade de os estudantes criarem mais envolvimento com o ambiente acadêmico, por meio de eventos promovidos por estudantes negros para debater a questão, por exemplo, para que encontrem satisfação de pertencer àquele ambiente. A satisfação, segundo Poletto e Koller (2011, p. 20) está relacionada “a auto aceitação, crescimento pessoal, propósito de vida, domínio do ambiente e relações positivas com outras pessoas compõem os elementos do funcionamento positivo”.

A ausência de letramento racial e disciplinas que abordem essa temática em contextos sociais brasileiros, como já foi mencionado trazendo a ideia de Zonta e Zanella (2020), aumentam esse abismo já existente. Fazendo com que a ausência desse letramento e a falta dessas temáticas nos currículos universitários reforcem a sensação de não pertencimento e representatividade de estudantes negros. Já os processos seletivos e burocráticos a fim de contemplar estudantes com bolsas e incentivos de permanência na universidade, muitas das vezes são complexos e pouco acessíveis para todos os estudantes que realmente necessitam. Deixando-os ainda mais em situação de vulnerabilidade, seja ela habitacional, alimentícia, de locomoção, dentre outras, que vão formar mais barreiras para que os estudantes possam se manter na universidade.

Após apresentar-se os desafios sociais e acadêmicos enfrentados por estudantes negros, passa-se a apresentar os estereótipos racistas no contexto brasileiro.

## **2.2 Estereótipos racistas identificados no contexto brasileiro**

As construções sociais que se perpetuam na sociedade brasileira desde a sua criação até os dias de hoje, estão muito condicionadas a estereotipar as pessoas, em sua grande maioria, a população negra. Embora, estereótipos e estigmas estejam associados e até mesmo confundidos muitas das vezes, deve-se explicar que, os estereótipos podem existir sem estigmas e alguns estereótipos podem ser até de maneira positiva. Porém a estigmatização é sempre negativa, muitas vezes relacionada por desaprovações de características físicas ou crenças pessoais que vão contra as ditas normas culturais. O termo bastante utilizado para denominar esse fenômeno no Brasil e a forma como ele se desenvolveu e se desenvolve nos dias atuais é o “Racismo à brasileira” (Da Matta, 1981; Telles, 2003; Schwarcz, 2001).

Da Matta (1981, p. 61) descreve que esse fenômeno seria o domínio no qual reside o drama racial brasileiro. Ele ainda explana que, “é o modo pelo qual tais “raças” entram em contato para criar um povo ambíguo em seu caráter”. A estereotipação racista no contexto brasileiro, conforme Abrahão e Soares (2011) se deu através na construção de um sistema pós Abolição da Escravatura em 1888, que visou hierarquizar a manutenção do status quo da oligarquia de antes, a fim de limitar a ascensão dos ex-escravizados e novos cidadãos negros. Quando ainda viviam no sistema escravista, eles justificavam suas ações, fossem elas estereotipando, escravizando, estigmatizando e/ou tirando o direito do negro sonhar com sua alforria e possível ascensão social. Porém, após a abolição, as oligarquias presentes tiveram que

justificar sua sobreposição racista, segundo Abrahão e Soares (2011, p. 266) “a hierarquização foi construída através de uma ideologia informal [...] A análise dos conflitos étnicos não deve perder de vista que eles não se desenvolvem somente no nível das instâncias econômicas”.

O racismo no Brasil é um problema primeiramente estrutural e posteriormente institucional, afetando diretamente a população negra, além dos seus direitos garantidos por lei, como foi o caso da Lei de Terras (Brasil, 1850). A Lei nº 601 de 1850, também conhecida como a Lei de Terras, dispõe sobre terras devolutas do Império, ou seja, terras públicas que não tem uma finalidade pelo Poder Público, no caso da Corte Imperial. Entretanto, ainda sobre a Lei de terras, é importante salientarmos que, durante esse período, há um impedimento de negros escravizados de adquirirem essas terras devolutas, seja na província do Rio de Janeiro ou em muitos outros lugares do país. Portanto, através de uma segregação social e um indicativo da retirada dos pobres das áreas centrais da antiga província do Rio de Janeiro, surgem alternativas para a expansão sócio espacial dessa parcela da população.

Continuando sobre a questão habitacional e seu impacto sócio espacial, Campos (2004, p. 24) salienta que, “o Estado não foi capaz de extingui-los ao longo dos períodos colonial e imperial, permaneceram como tal até a cidade incorporá-los ao espaço urbano ou agrário”. Ainda sobre o autor acima, ele expõe que os espaços quilombolas foram transmutados para os cortiços e quando estes cortiços sofreram perseguições das oligarquias através da repressão do Estado, com a justificativa eugenista e higienista das áreas centrais. Os negros escravizados e descendentes de escravizados se veem obrigados a novamente transmutarem dos cortiços para as encostas e morros que posteriormente seriam formados os espaços das Favelas.

Por fim, além da perseguição habitacional e o racismo ambiental, foram criados estigmas e estereótipos para essas pessoas que estavam nesses lugares considerados à margem do Estado, e automaticamente passou-se a serem marginalizados pelos mesmos. Então, a discriminação começa com a criação da terminologia de raças, as classificando, as hierarquizando com um embasamento científico, para justificar a sobreposição da raça branca para com as outras raças, principalmente a raça negra. Criando barreiras estruturais e institucionais para que essas pessoas marginalizadas não adentrem esses campos sociais.

### **2.3 Cotas Raciais e Ações Afirmativas no Brasil**

A necessidade de respostas efetivas à segregação estrutural e social, bem como, o racismo institucionalizado nas instituições do contexto brasileiro aceleraram o processo de

Ações Afirmativas no Brasil, embora tenhamos perdido mais de 400 anos para tal definição. Além das desigualdades históricas e ainda persistentes em nossa sociedade atual, algumas pessoas ainda discutem o mito da “democracia racial”, porém o Censo realizado pelo IBGE no ano de 2022 aponta que o Brasil, pela primeira vez desde 1872 quando foi realizado o primeiro recenseamento no país, possuem mais pessoas autodeclaradas pardas, sendo elas um total de 92.100.000 (noventa e dois milhões e cem mil) pessoas que representam 45,3% da população brasileira, enquanto os brancos representam 43,5% da população, somando 88.300.00 (oitenta e oito milhões e trezentas mil) pessoas.

Sem contar a disparidade entre brancos e negros no que diz respeito ao acesso à educação, da básica à superior. Entretanto, o debate sobre políticas específicas, educacionais e abrangentes para a população negra do país, encontra e enfrenta resistências e opressões, porém os movimentos negros universitários, em destaque para os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas apresentam um contraponto a este cenário negativo e são, literalmente, espaços de resistência na Universidade (UNIPAMPA, 2016). O surgimento para a criação do que hoje chamamos de NEABI, começou no ano de 1959 por uma iniciativa do professor português Agostinho Silva, com a criação do Núcleo de Estudos Afro-orientais (CEAO) na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Posteriormente, várias outras universidades públicas e privadas passaram a construir iniciativas pelas criações de seus núcleos e órgãos, o que possibilitaria a criação do primeiro Congresso Brasileiro de Pesquisares Negros (COPENE) em 2000. Nessa época ainda se usava a sigla NEAB, porém através de um complemento da Lei de nº 10.639/08 e a Lei de nº 11.645/08, acrescentaram a sigla I, incluindo os indígenas brasileiros, tornado então obrigatório o ensino da história da África e da história indígena nas escolas.

Embora o debate sobre cotas raciais e ações afirmativas ainda divida muito a opinião da população brasileira, deve-se considerar que milhares de pessoas que viviam e ainda vivem à margem da sociedade, tornaram seus sonhos e de suas famílias uma realidade. Segundo Durham (2003, p. 1) “Para as pessoas que condenam o racismo é difícil se opor a uma ação afirmativa que tem por objetivo corrigir uma desigualdade tão gritante, especialmente porque o campo educacional influi fortemente nas perspectivas futuras de participação social e de acesso”.

Com a sua aprovação, a Lei se tornou um passo fundamental para o reconhecimento da história do povo brasileiro, africano e indígena, e no aprendizado infante-juvenil da luta antirracista. Em continuação da Lei de Cotas, dos 50% das vagas destinadas a estudantes que cursaram o ensino médio, 12,5% das vagas também são reservadas para estudantes com renda familiar mensal por pessoa igual ou menor a um salário mínimo e meio, e os outros 12,5% para

os estudantes com renda familiar mensal maior que um salário mínimo e meio. Dentro de cada faixa de renda, as vagas devem ser preenchidas por candidatos autodeclarados negros, pardos e indígenas, apesar de em 2017, a Lei nº 13.409/2016, alterar a Lei nº 12.711/2012 e incluir pessoas com deficiência (PCD) as vagas destinadas a cotas.

Já sobre as ações afirmativas, um importante avanço sobre essa pauta, é a criação da Lei nº 12.288 de 2010 (Brasil, 2010), que, no 1º Artigo, já deixa explícito que tal legislação se trata do Estatuto da Igualdade Racial, com a finalidade da garantia da legitimação da população negra, um acesso à efetivação da igualdade de oportunidades, além da dos direitos étnicos, sejam eles, coletivos, individuais ou difusos, além do combate à discriminação e todas as outras formas configuradas intolerantes étnicas.

Atualmente, foi instituído através do Decreto nº 11.442/23 em 21 de março de 2023, o novo Programa Federal de Ações Afirmativas (PFAA), através da necessidade observada pelo Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) que foi criado pelo PFAA. De acordo com o Relatório Final do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) para a elaboração do PFAA, um dos resultados que fundamentam e justificam essa necessidade, são os índices sobre as desigualdades e disparidades de oportunidades como características definidas como marcantes da sociedade brasileira, fortalecendo o racismo estrutural conforme definição de Almeida (2019). Ainda de acordo com o GTI, “Considerando a interseccionalidade de raça, etnia, gênero e deficiência em diversas áreas da gestão governamental e das políticas públicas, resta nítida a importância de iniciativas que busquem mitigar injustiças históricas e transformar esse cenário” (Brasil, 2023, p. 4).

Desta forma, mostra-se de suma importância para que haja a possibilidade de concretizar políticas públicas antirracistas visando alcançar uma igualdade racial.

#### **2.4 O papel da Universidade Federal do Pampa - Campus Sant’Ana do Livramento na promoção da igualdade racial e criação de um ambiente antirracista**

Embora, a presença de estudantes negros nas universidades tenha aumentado significativamente, eles ainda enfrentam inúmeros desafios para o acesso e permanência na universidade. O Brasil é o País com maior população negra fora do continente Africano em números absolutos, porém não devem ser levados em consideração somente esses dados para mensurar e principalmente analisar os desafios enfrentados por estudantes negros universitários no contexto da Universidade Federal do Pampa.

Ressalta-se ainda que, a história e a Cultura Afro-brasileira e escravagista, conforme destaca Gomes (2019) em seu livro *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*, vê-se que o Brasil foi o maior território escravagista do hemisfério ocidental, e o permaneceu sendo por quase três séculos e meio. Além disso, o autor acima, relata que o país sozinho recebeu quase 5 milhões dos 12,5 milhões de africanos que foram trazidos para a América, o que representa 40% dos indivíduos trazidos da África a fim de terem seus corpos explorados e violados. Sem contar a perseguição e opressão histórica ao povo negro, seja ela qualquer que fosse sua manifestação, nos jogos de capoeira, nas rezas das religiões de matrizes africanas, no samba e sua música, até mesmo em suas expressões artísticas e na sua ampliação sócio espacial para lugares hoje tido como marginalizados. “Admitir que o espaço quilombola fora transmutado em espaço favelado é incluí-los no processo maior, ou seja, é admitir que as populações pobres, através de suas apropriações dos espaços periurbanos” (Campos, 2004, p. 24).

Ainda que, a falta de recursos básicos e de repressão à discriminação nas universidades brasileira impacte diretamente nos desafios enfrentados por universitários negros na UNIPAMPA. Conforme Silva e Valentim (2023, p. 1), "O racismo institucional ainda é difundido na prática institucional universitária, mas também encontramos resistência e luta por parte dos graduandos".

Ainda Silva e Valentim (2023) relatam que um dos grandes problemas, se não o maior deles, é a impunidade que essas discriminações acontecem, além de gerar um impacto na autoestima e no desempenho acadêmico, gera principalmente uma sensação de impotência e de impunidade para quem pratica. Além dos estereótipos negativos e dos preconceitos enfrentados, sejam eles explícitos ou implícitos, algumas alternativas são tomadas por estudantes negros.

Neste sentido, supõe-se que estudantes universitários negros acabam adotando várias estratégias para enfrentar o racismo, bem como, o diálogo com os demais alunos e com seus professores, sendo o autocontrole um item imperativo nas relações interpessoais, pois na maioria das situações, vê-se que a tentativa de desestabilização e os processos de provocação são estopim para os conflitos que geralmente se transformam em atritos étnico-raciais. Uma vez apresentada à fundamentação teórica, a seguir passa-se a apresentar a metodologia que orientou este estudo.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados os elementos metodológicos que orientaram o presente estudo. Inicialmente aborda-se o tipo de pesquisa, em seguida o método escolhido, logo após a técnica de coleta de dados, e, por último, a técnica de análise dos dados.

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa descritiva, pelo fato desse estudo buscar compreender a magnitude dos diferentes desafios enfrentados por estudantes universitários negros da UNIPAMPA Livramento, sob um olhar mais compreensivo de um grupo social. Pode-se afirmar que, “A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever um fenômeno ou situação em detalhe, permitindo abranger com clareza as características de um indivíduo, um grupo ou uma situação, bem como desvendar a relação entre os eventos” (Pedroso; Silva; Santos, 2017, p. 1). Adotou-se este tipo de pesquisa, pois se levou em consideração o objetivo abordado pelo estudo.

Propôs-se realizar uma pesquisa de caráter qualitativo, pois, para alcançar o objetivo nesta pesquisa foi necessário estudar meticulosamente cada etapa dos desafios sociais e acadêmicos levando-se em consideração as percepções dos sujeitos de pesquisa sobre o fenômeno estudado. Portanto, acredita-se que esta abordagem qualitativa foi adequada para esta pesquisa que tem um caráter social e buscou identificar elementos muito comuns a uma parcela da população.

Ainda com relação à escolha do viés da pesquisa, tem-se que na área das ciências sociais aplicadas os estudos tendem a ser mais qualitativos, tal percepção torna-se ainda maior quando se chega no nível da investigação organizacional, em que busca-se compreender as relações e interações entre as pessoas e o método qualitativo é o mais apropriado para isso.

O método escolhido foi o estudo caso, pois se trata de uma pesquisa que envolve um mergulho profundo em um contexto real, ou seja, a Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. De acordo com Gil (2002, p. 54) sobre o método estudo de caso e seu conceito, percebe-se que “Consiste no estudo profundo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”.

Assim, Stake (2000) identifica três modalidades de estudos de caso, que seriam as intrínsecas, instrumentais e coletivas. Na modalidade intrínseca, o caso constitui o próprio objetivo da pesquisa, ou seja, conhecê-lo em profundidade, sem qualquer apreensão no

desenvolvimento de alguma teoria. O instrumental tem o objetivo de auxiliar no conhecimento de determinado problema e o coletivo estuda as características de uma população.

Yin (2015, p. 31) afirma que, “a pesquisa de estudo de caso é, provavelmente, mais apropriada para as questões como e por que; por isso, sua tarefa inicial é esclarecer, precisamente, a natureza de suas questões de estudo a esse respeito”. Desta forma, tal método mostrou-se mais adequado para que fosse possível concretizar o presente estudo tendo em vista os objetivos a alcançar.

As formas de distribuição das entrevistas foram pessoalmente e online pela plataforma Google Meet, considerando ainda que, como estratégia de divulgação das entrevistas online e presencial, ocorreram através do envio de e-mail para os estudantes do campus, bem como, grupos de redes sociais nos quais os estudantes se encontram. Este estudo contou também com dados oriundos de levantamento bibliográfico em que foram utilizados autores que abordam questões étnico-raciais e seus aspectos sociais, assim como as questões relacionadas ao ensino superior brasileiro.

Para este estudo também se utilizou documentos da Universidade Federal do Pampa relacionado às ações afirmativas desenvolvidas por esta instituição de ensino. Os sujeitos de pesquisa foram estudantes universitários autodeclarados negros do Campus Sant’Ana do Livramento da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. Foram entrevistados alunos dos cursos de Administração, Ciências Econômicas, Direito, Relações Internacionais e Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, ressaltando-se que comporão o quadro de entrevistados os estudantes dos dois últimos semestres de cada curso aqui citado, conforme quadro 1 abaixo:

**Tabela 1 – Número de Entrevistados por Curso de Graduação**

<b>Curso</b>	<b>Administração</b>	<b>Economia</b>	<b>Direito</b>	<b>Relações Internacionais</b>	<b>Gestão Pública</b>
<b>Semestre</b>					
5º Semestre	-	-	-	-	2
6º Semestre	-	-	-	-	-
7º Semestre	-	2	3	5	-
8º Semestre	10	1	-	-	-
9º Semestre	1	-	1	-	-
10º Semestre	-	-	-	-	-

**Fonte:** Elaborada pelos autores.

Cabe ressaltar que os estudantes entrevistados foram selecionados a partir do critério de maior tempo de contato com a UNIPAMPA - Campus Sant'Ana do Livramento, sendo que não foram entrevistados discentes do 1º, 2º, 3º e 4º semestre por entender-se que esses ainda não possuem conhecimentos e experiências suficientes acerca dos desafios sociais e acadêmicos no Campus em questão.

Após a elaboração e aplicação do questionário semiestruturado, utilizou-se a análise interpretativa. Os dados coletados foram triangulados, sendo que a triangulação em uma análise permite que se faça o cruzamento dos dados provenientes de diferentes fontes, tal cruzamento permite observar as convergências e divergências entre o que dizem os autores e documentos e o que dizem os entrevistados.

#### **4 RESULTADOS**

A seguir apresentam-se as análises e resultados dos dados coletados neste estudo e seguindo-se os objetivos específicos a análise descritiva se deu da seguinte forma.

##### **4.1 Os desafios sociais e acadêmicos enfrentados por estudantes negros da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant'Ana do Livramento**

A condução da análise dos resultados se deu através da base de dados que foram coletados das entrevistas realizadas com os estudantes negros entrevistados na Universidade Federal do Pampa, campus Sant'Ana do Livramento. Os dados obtidos foram analisados de forma interpretativa, portanto, foi necessário compreender os desafios sociais e acadêmicos enfrentados por estes estudantes, bem como, avaliar a eficácia das cotas e ações afirmativas implementadas pela UNIPAMPA. Sobre os desafios acadêmicos e o epistemicídio de autores negros, o Entrevistado 15 destaca que:

Na verdade, falando de grades curriculares, principalmente no curso que eu estudo, a grade curricular de economia não tem autor negro e se tem, eu posso citar um, e eu acho que existe uma falta de preparo (em relação às questões raciais) talvez dos professores universitários e dos administradores que pode influenciar de maneira negativa na jornada dos estudantes negros, limitando as oportunidades dos alunos negros.

Segundo Gil (2002, p.141) “o processo de análise e interpretação pode, naturalmente, envolver diferentes modelos de análise. Todavia, é natural admitir que a análise dos dados seja de natureza predominantemente qualitativa”. Ainda sobre os desafios acadêmicos, em

concordância com Poletto e Koller (2011), no que tange à garantia da universidade acerca do ambiente e à satisfação de pertencimento e permanência nestes espaços acadêmicos de ensino superior, quando perguntado se já sofreu ou presenciou algum caso de injúria racial ou racismo, o Entrevistado 16 relatou que:

Sim, mas não foi comigo, foi com uma colega de aula, e ela se abriu comigo tempos depois, foi com outra discente de outro curso, e eu lembro que tentamos ajudar ela para expor esse assunto porque não dava para ficar assim, afinal, estava afetando o psicológico dela e a família dela estava ficando bem preocupada, e aí ela acabou não denunciando, né?! Pensando que não iam levar adiante, que não iam levar a sério mais um caso e eu fiquei bem chateada com isso, mas eu acabei respeitando porque a gente no fundo achou que não ia dar em nada, mesmo denunciando, por mais que a guria nem estude mais no campus, mas a gente acabou descobrindo que ela (colega do entrevistado 16) não foi a única, que essa mesma pessoa fez com várias outras pessoas do Campus e ninguém fez nada, então passaram pano (...) a denúncia seria pela própria UNIPAMPA.

#### **4.2 A existência de estereótipos racistas atribuídos aos estudantes negros da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant’Ana do Livramento**

Conforme citado anteriormente, Louro (2008), descreve sobre as primeiras lutas e manifestações do povo negro, com a finalidade de reivindicar seus direitos e quando trazido para os entrevistados em forma de indagar-lhes sobre a existência dessa representatividade na UNIPAMPA Livramento, Entrevistado 19 afirma que “existe uma força de resistência, que é o NEABI, que é o pessoal negro que se juntam em coletividade justamente em sua defesa”. Considera-se que os entrevistados convergem com os autores Ancillotti e Silva (2022), sendo que, os entrevistados acreditam que a manifestação da discriminação racial no ambiente acadêmico e social da UNIPAMPA - Campus Livramento está relacionado a conflitos de poder.

Devem-se analisar também os resultados obtidos do conceito proposto por Da Matta (1981) sobre o “racismo à brasileira”, quando perguntado aos entrevistados, se a afirmação de que as pessoas admitem que existe racismo, mas não se consideram racistas, todos os 25 entrevistados responderam positivamente para este conceito. Já sobre Campos (2004) quando o autor afirma que o Estado além de não ser capaz de abolir a escravização ao longo dos períodos colonial e imperial, e quando o fez como consequência os negros foram expulsos das senzalas indo povoar os cortiços e posteriormente as favelas, notou-se que somente o Entrevistado 12 discordou dessa afirmação.

#### **4.3 O impacto das cotas raciais na experiência dos estudantes negros da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant’Ana do Livramento**

Pode-se perceber que, com base na percepção do Entrevistado 1, do Entrevistado 12 e do Entrevistado 25, que as políticas públicas de cotas raciais e ações afirmativas, por si só, não são suficientes para garantir o ingresso e a permanência dos estudantes negros da sociedade que sonham com o ambiente do ensino superior. Para esses entrevistados, a UNIPAMPA - Campus Livramento, como agente social transformador deveria suprir essa necessidade urgente de medidas efetivas e estruturais, para que estudantes que já estão matriculados e os que ainda virão possam superar e não mais conviver com essas barreiras étnico-raciais gerando essa e outras desigualdades. O que vai ao encontro do que diz Silva e Valentim (2023), é necessário permitir o acesso e permanência dos estudantes negros, sem uma política eficaz, no mínimo de permanência, esse aluno que sempre viveu em situação de vulnerabilidade facilmente evade.

Conforme dito por Durham (2003), no que tange às pessoas que condenam o racismo e a dificuldade que se encontra para que as mesmas se opusessem às ações afirmativas educacionais, que por objetivo geral, tem a mudança de uma desigualdade visível e a geração de perspectivas futuras no contexto social e de ingresso, nota-se que, ao mensurar o impacto das cotas raciais na experiência dos estudantes negros da UNIPAMPA, ainda há entraves institucionais para o ingresso e permanência destes estudantes. Visto que, atualmente na UNIPAMPA - Campus Livramento, apenas 11,64% se autodeclaram pardos e 9,30% pretos, o que não representa 20% dos 1314 estudantes regularmente matriculados. Portanto, através destes dados, percebe-se que, embora o processo seletivo garantisse ao menos ¼ dos estudantes negros, na realidade vê-se que esse número não se justifica.

#### **4.4 O papel da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant’Ana do Livramento na promoção da igualdade racial e na criação de um ambiente acadêmico antirracista**

Ao cruzar os dados obtidos entre os documentos da UNIPAMPA, os autores e os entrevistados, nota-se que há um entrave e uma falta de eficácia e efetividade das políticas institucionais que atualmente compõem o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UNIPAMPA, visto que, não depende apenas de sua implementação, mas também, de sua aceitação e principalmente a prática no ambiente acadêmico, acarretando em uma falta de igualdade racial e de oportunidades no ensino superior.

Essa percepção surge a partir do PDI que determina que o PDA estimulem ações que combatam as desigualdades em suas mais variadas formas de manifestação, inclusive as de

cunho étnico-raciais, o que, deveria garantir um ambiente acadêmico no mínimo inclusivo. Entretanto, a Universidade tem sido falha neste quesito, considerando que, quando questionados se já sofreram ou presenciaram algum caso de racismo ou injúria racial no âmbito do Campus Sant'Ana do Livramento, os entrevistados, Entrevistado 04, Entrevistado 05, Entrevistado 06, Entrevistado 08, Entrevistado 09, Entrevistado 10, Entrevistado 12, Entrevistado 13, Entrevistado 14, Entrevistado 15, Entrevistado 16, Entrevistado 19, Entrevistado 25, afirmaram que sim. Sendo que, o Entrevistado 16 afirmou que não houve denúncia à direção do Campus em razão da grande sensação de impunidade que sente em relação a casos semelhantes que ocorrem no ambiente acadêmico. O que converge com Poletto e Koller (2011) quando esse diz que no ambiente universitário não deve haver... a universidade é plural e inclusiva.

Ainda, o Entrevistado 25 mencionou que, por diversas vezes, presenciou docentes usando expressões e argumentos racistas enquanto ministravam suas aulas e o Entrevistado 13 relatou fato semelhante. Porém, não só professores, mas também outros discentes usaram discurso racista em sala de aula, apontou o Entrevistado 13, o que levou o professor a interromper a aula e repreender os discentes que estavam proferindo discurso racista. Cabe ressaltar que nesse episódio os alunos vítimas desses discursos de ódio não quiseram fazer registro formal à Direção do Campus ou à polícia.

O Entrevistado 13 afirmou que, quando ocorreu o caso de injúria que presenciou ou lhe vitimou, procurou um professor, que por sua vez ministrou uma aula aberta sobre o tema no pátio do Campus, abordando questões sensíveis em termos raciais. Observa-se que a UNIPAMPA Campus Sant'Ana do Livramento não consegue dar efetividade às suas propostas antirracistas em um ambiente integralmente saudável para os discentes e docentes. Assim como não consegue atuar firmemente para que isso aconteça, culminando em diversos casos de injúria racial/racismo que sequer são contabilizados porque os discentes não se sentem seguros em denunciar, o que corrobora com a fala de Silva e Valentim (2023) quanto à difusão do racismo institucional no ambiente universitário.

## **5 CONCLUSÃO**

Resgatando-se o objetivo geral deste estudo que é caracterizar os desafios sociais e acadêmicos enfrentados por estudantes universitários negros na Universidade Federal do Pampa - Campus Sant'Ana do Livramento e considerando-se os objetivos específicos traçados para esta pesquisa, sendo eles: a) Identificar os desafios sociais e acadêmicos enfrentados por

estudantes negros da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant’Ana do Livramento; b) Compreender a existência de estereótipos racistas atribuídos aos estudantes negros da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant’Ana do Livramento; c) Mensurar o impacto das cotas raciais na experiência dos estudantes negros da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant’Ana do Livramento; e d) Avaliar o papel da Universidade Federal do Pampa – Campus Sant’Ana do Livramento na promoção da igualdade racial e na criação de um ambiente acadêmico antirracista, ao final deste estudo foi possível perceber que:

Quanto aos desafios sociais e acadêmicos enfrentados por estudantes negros da UNIPAMPA Campus Sant’Ana do Livramento, estes se relacionam, por vezes, à negritude, inclusive pela falta de representatividade negra no Campus em todos os setores (corpo docente, discente e Técnicos Administrativos da Educação), mas possuem raízes ainda mais profundas, que acarretam em consequências econômicas para a população negra, o que eventualmente torna-se um obstáculo para ingressar na Universidade.

Do ponto de vista da existência de estereótipos racistas atribuídos aos estudantes negros na UNIPAMPA Campus Sant’Ana do Livramento, foi possível observar que o racismo é um fenômeno indiscutivelmente existente no Campus e, observa-se que no contexto histórico brasileiro, é o responsável desde o período escravagista por estabelecer a desigualdade racial e social, afetando a população negra até os dias atuais.

Sobre as cotas raciais, tem-se que as estatísticas oficiais apontam que as políticas públicas de inclusão têm impactado positivamente na realidade dos discentes e das universidades públicas em geral, tornando as instituições de ensino superior federal mais democraticamente acessíveis, apesar de outros obstáculos observados, como a necessidade de priorizar o ingresso no mercado de trabalho, retardando o ingresso na universidade ou a conclusão do ensino superior.

Por fim, foi possível notar que, a UNIPAMPA Campus Sant’Ana do Livramento está longe de conseguir oferecer aos discentes um ambiente igualitário e antirracista, sendo que tal pretensão, atualmente, é mais uma utopia do que, de fato, um programa e projeto de Universidade.

Desta forma, pode-se concluir que, os desafios sociais e acadêmicos enfrentados pelos universitários negros na UNIPAMPA Campus Sant’Ana do Livramento é, antes de qualquer coisa, um problema institucional e estrutural. Em um segundo momento, nota-se que isso seja reflexo da paralisia da Universidade diante de um cenário brasileiro que tende a escancarar o racismo e desigualdade, ou seja, a universidade em dado momento é reflexo da sociedade. Neste

cenário, infelizmente, não se vislumbra, em curto prazo, uma mudança significativa que possa proporcionar um ambiente acadêmico mais saudável aos discentes negros do Campus.

Como recomendação entende-se que a UNIPAMPA deva, de maneira muito contundente, criar ferramentas mais estratégicas de combate ao racismo. Sugere-se que a Pró-Reitoria de Comunidades, Ações Afirmativas, Diversidade e Inclusão, assim como o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, não só no Campus Sant'Ana do Livramento, mas em todas as 10 unidades da instituição estabeleçam uma política de letramento racial capaz de tornar toda a universidade um ambiente efetivamente antirracista.

## **REFERÊNCIAS**

ABRAHÃO, B, O, L; SOARES, A, J, G. **O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol**. Porto Alegre/RS: UFRGS, 2011.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo/SP: Pólen, 2019.

Ancillotti, C. G. L; Silva, P. O. M. **Adaptabilidade de Carreira: A Construção da Carreira de Universitários Negros**. Trindade/SC: UFSC, 2022.

BRASIL. **Decreto nº 11.442, de 2023, de 21 de março de 2023**. Institui o Grupo de Trabalho Interministerial para a elaboração do Programa Nacional de Ações Afirmativas. 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm) Acesso em: 24 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 601/1850, de 18 de setembro de 1850**. Dispõe sobre as terras devolutas do Império, Brasília: Presidência da República, 1850.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 1996, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da República, 2003.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 2010, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Brasília: Presidência da República, 2010.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2012.

BRASIL. **Lei nº 13.409, de 2016**. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Brasília: Presidência da República, 2016.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**: Programa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

BRASIL, Ministério da Igualdade Racial, **Relatório Final do Grupo de Trabalho Interministerial para a elaboração do Programa Federal de Ações Afirmativas**, 2023. Brasília: Presidência da República, 2023.

COORDENADORIA DE INGRESSO, DOCUMENTAÇÃO E REGISTROS ACADÊMICOS - CIDRA, UNIPAMPA. **Perfil dos Acadêmicos de Graduação e Pós-graduação**. Bagé: CIDRA/UNIPAMPA, 2024.

CAMPOS, A. **Do quilombo à favela**: produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DAMATTA, R. **Relativizando**: Introdução à antropologia estrutural. Petrópolis: Vozes, 1981.

DURHAM, E, R. **Desigualdade educacional e quotas para negros nas universidades**. São Paulo: NUPES/USP, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, p. 1-171, 2002.

GOMES, L. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GUIMARÃES, M. P. S. **A Auto Declaração Como Forma de Identidade - Um Breve Debate Sobre a Banca de Heteroidentificação**: Os Problemas Para A Identificação Dos Negros Nas Políticas de Afirmções do Brasil. Aracajú: UFS, 2023.

LOURO, G, L. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Campinas/SP: UNICAMP, 2008.

MATOS, P, M; FRANÇA, D, X. **Racismo e Escolarização**: Formas e consequências na trajetória escolar de alunos negros. Ijuí/RS: UNIJUÍ, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Paris, França: Assembleia Geral das Nações Unidas/ONU, 1948.

PEDROSO, J. S; SILVA, K. S; SANTOS, L. P. **Pesquisa Descritiva e Pesquisa Prescritiva**. Curitiba/PR: UniSantaCruz, 2016.

POLETTTO, M; KOLLER, S, H. **Bem-estar Subjetivo em Crianças e Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade Social**. Porto Alegre/RS, 2011.

SCHWARCZ, L, M. **Racismo no Brasil**. São Paulo: PubliFolha, 2001.

Silva, R; Valentim, R, P, F. **ANÁLISE DE CONTEÚDO QUALITATIVA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM UNIVERSITÁRIOS NEGROS DA UERJ**. Rio de Janeiro/RJ: UERJ, 2023.

**OS DESAFIOS SOCIAIS E ACADÊMICOS ENFRENTADOS PELOS ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS NEGROS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

STAKE, R. E. **Case studies**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Thousand Oaks/CA: Sage, 2000.

TELLES, E. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro/RJ: Relume Dumará, 2003.

UNIPAMPA. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Bagé: UNIPAMPA, 2019.  
Disponível em: <https://sites.UNIPAMPA.edu.br/pdi/files/2024/01/pdi-2019-2023-publicacao-1.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2024.

UNIPAMPA. **Resolução nº 161 de 31 de outubro de 2016**. Bagé: UNIPAMPA, 2016.  
Disponível em: [https://sites.UNIPAMPA.edu.br/consuni/files/2018/05/res-161\\_2016-neabi-alterada-pela-res-196.pdf](https://sites.UNIPAMPA.edu.br/consuni/files/2018/05/res-161_2016-neabi-alterada-pela-res-196.pdf). Acesso em: 13 jun. 2024.

WALKER, A. **A cor púrpura**. Rio de Janeiro/RJ: José Olympio, 2021.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**, Porto Alegre/RS: Bookman, 2003.

ZONTA, G. A.; ZANELLA, A. V. **ESTUDANTES NEGROS/AS NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: TENSÕES NA E DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR**. Práxis Educacional. Vitória da Conquista/BA: UESB, 2020.